

Felicidade: prêmio das virtudes.

Paulo Faitanin

1. Cada ser atua conforme a sua natureza.

Para qualquer direção que movamos nossa atenção, percebemos que há no mundo uma evidência: *cada ser atua conforme a sua natureza e por meio de sua atuação ela se realiza como sendo o que é o melhor para si*. E não somente as naturezas viventes, senão todas. A diferença é que as viventes interagem com o meio e maximamente a humana que tem consciência disso. Por mais que queiramos modificar a natureza de cada um destes seres, não conseguiremos e se acaso conseguíssemos, a destruiríamos parcial ou completamente.

Mesmo alguma realidade que não possua consciência de sua natureza – por exemplo, um bloco de pedra – quando alguém opera nela alguma ação – modela o busto de Sócrates – esta ação – que é do artista e não da pedra – somente será possível se a ação do artista se pauta nalgum conhecimento da natureza desta pedra.

Conhecer a natureza desta pedra não será senão saber de que é constituído esta pedra, quais são os elementos que a constituem e a determinam. Não é necessário que o artista seja um químico ou físico, pois basta saber se tal pedra pode ser trabalhada ou talhada. Claro que se o artista souber de que tipo é a pedra, ele saberá também que instrumento e que dificuldades terá para modelar nela a figura de Sócrates.

Pois bem, embora a pedra não produza por si mesma alguma ação aparente e transeunte, qualquer ação que se lhe for aplicada deverá seguir os princípios que constituem e determinam a sua natureza. Deste modo, para que a ação seja realizada na pedra é preciso que o artista conheça minimamente tais princípios que consti-

tuemn e regem a natureza deste mineral e quais circunstâncias externas favorecem ou não o seu manuseio. E somente será operada na pedra alguma operação se tal operação seguir os princípios que norteiam a natureza da pedra.

Assim, pois, se lançarmos uma pedra mil vezes para cima, mil vezes ela cairá, e por mais que queiramos modificar isso não conseguiremos, porque está inscrito como princípio em sua natureza que caia estando ela sob certas condições e que não caia estando sob outras. Mas patenteia-se que tanto o movimento ascendente quanto o descendente obedecerá primeiramente ao princípio que constitui e rege a sua natureza e secundariamente alguma circunstância externa à sua natureza, mas que atua conjuntamente com ela. Por mais que queiramos imprimir na natureza da pedra, atuando externa ou internamente sobre ela, algum elemento que a faça atuar de determinado modo, não conseguiremos, sem destruí-la.

O fato de que na Lua o movimento da pedra não seja descendente, como na terra, não significa que deixou de ser pedra por mover-se em direção oposta, mas, que a sua natureza mineral se ordena na Lua segundo as leis que regem aquele sistema. Mas, voltemos à terra. Embora possamos manipular sua natureza atuando sobre os princípios internos que a constituem e os externos que a regem, não podemos fazer com que uma pedra não siga em sua atuação tanto os princípios intrínsecos que a regem nem os extrínsecos que a condicionam. Portanto, mesmo a pedra que não tem consciência de sua natureza, quando nela é operada alguma ação, tal ação é operada nela estando *conforme à sua natureza na medida em que tal operação não anula na pedra o que lhe é próprio, pois se aniquilasse, destruiria a pedra pela ação que se lhe impõe*. A pedra não age, mas quem age por meio dela [o artista] para produzir algo [busto] não a destruirá completamente [destruirá somente o necessário para dar a forma de Sócrates à pedra] se seguir os princípios que ordenam a sua natureza mineral.

Observemos, agora, **uma planta**, por exemplo, a samambaia que é um ser vivo e que diferentemente da pedra, opera movimentos por si mesma. A samambaia num canto de uma área, onde pela manhã somente uma parte de seus ramos é iluminada pela luz do Sol, buscará por meio de sua operação o que seja melhor para si, obedecendo como que a um princípio que a ordena internamente a buscar um bem para a sua natureza. Perceberemos que por uma espécie de ‘comum acordo’, todos os seus ramos isentos da luz solar naquele canto da área de uma casa, tenderão a ordenar-se à parte em que a luz do Sol se faz presente mais intensamente e durante mais tempo. Com isso se patenteia que mesmo as plantas buscam o que é melhor para si mediante as operações próprias de sua natureza, como seja, neste caso de vida vegetativa da samambaia, o crescer, reproduzir e morrer.

O mesmo ocorre se considerarmos **um animal**, por exemplo, o leão, que por seu instinto – que é esta capacidade inata de origem biológica que o move a atuar com finalidade precisa para a conservação e o desenvolvimento de sua natureza – busca por sua atuação o que é melhor para si, enquanto é melhor para a sua natureza felina de leão.

É fato que nesta vida não alcançaremos plenamente aquele estado perfeito em que há a agregação de todos os bens. Este estado é a *felicidade*, condição em que se cessa todos os desejos, com a plena realização dos mesmos. Esta condição plena e perfeita não decorre da satisfação efêmera de algum desejo, mas da posse eterna da origem de toda perfeição. Isso se deflagra nas sábias palavras do santo de Hipona que identifica esta plena perfeição com Deus e afirma que fomos feitos para Deus e permaneceremos inquietos, enquanto nossos corações não repousar Nele¹. Esta inquietude não é a própria angústia. Esta inquietude de que nos fala Agostinho é natural e é uma espécie de ‘saudade de Deus’. A saudade de Deus é a memória

¹ S. AGOSTINHO, *Confissões*, 1.1.
Aquinata, nº.1, 2005

consciente ou inconsciente de algum bem que temos muito próximo, mas não o possuímos plenamente ainda. Passa-se da inquietude para a angústia quando se perde a esperança da realização desta memória, inscrita radicalmente na natureza do homem. Como se perde esta lembrança? Se esvai da lembrança a memória de Deus, embora permaneça a saudade – quando O substituímos por qualquer outro bem desta vida, na espera de que este possa realizar-nos plena e perfeitamente. A inquietude transforma-se em angústia quando – permanecendo inconscientemente a saudade de Deus – se toma consciência de que não se pode ser plena e perfeitamente feliz nesta vida, ainda que continue depositando nela a solução desta saudade. Em outras palavras o angustiado sente saudade de Deus mas não o reconhece e por não reconhecê-Lo, permanece na ignorância e permanecendo na ignorância de Deus, se crê impossibilitado de conquistar uma vida feliz, pois sabe que não há nesta vida nada que supra aquela saudade que sente, que é saudade de Deus, mas inconsciente, ou seja, sem consciência de que se trata de uma saudade de Deus. A angústia é o *desespero* [paixão irascível e conseqüentemente privação da virtude teologal] de não poder evitar algum sofrimento ou infortúnio grave que se crê inevitável e iminente. O angustiado sabe que nenhum bem sensível o supre desta saudade, mas na prática, por ignorância, [estado em que se desconhece o que deveria conhecer], por hábito, orgulho ou qualquer vício, segue depositando nalgum bem a superação desta angústia.

2. O HOMEM NATURALMENTE AGE POR UM BEM PARA SI.

Agora, se observarmos **um ser humano**, por exemplo, João, veremos que também há nele uma *tendência natural* de agir conforme um fim que seja bom para a sua natureza. Mas, há algo na natureza do homem que o difere dos demais seres, que o Aquinate, nº.1, 2005

permite por si mesmo aperfeiçoar a sua própria natureza. De fato, o ser humano é o único ser que é capaz de não somente aperfeiçoar, mas, também, destruir a sua natureza, por sua atuação. Não obstante, mesmo quando age contra a própria natureza, pensa realizar algo de bom para si.

É A VONTADE NO HOMEM QUE O FAZ DESEJAR O BEM.

A abelha faz o mel como sempre o fez, a aranha tece a teia como sempre a tecu, o leão caça a zebra como sempre o fez, mas, o homem, sem deixar de ser homem, sempre mais é capaz de aperfeiçoar a sua atuação. A evolução nos evidencia isso. Pois bem, *todo homem age naturalmente por um fim que lhe seja um bem*. Esta sua atuação nasce de uma tendência, um *apetite* que brota do mais íntimo do seu ser, de sua alma, que o lança a perseguir um bem ou a evitar um mal para a sua natureza, com vistas à satisfação de uma necessidade, desejo ou à realização de um fim que lhe seja bom. Este apetite porque brota originalmente da alma, pela inclinação da razão, denomina-se *apetite racional*, e ficou conhecido tradicionalmente como *vontade*. A *vontade* exige, pela inclinação da razão, a busca e a posse de um objeto final que seja ao mesmo tempo: um *bem* que ela ainda não possua, que seja uma *perfeição* que lhe complete a natureza e que seja uma *satisfação* estável e permanente.

A VONTADE SE ORDENA AO BEM, MAS É LIVRE PARA ESCOLHER.

É um fato na natureza dos homens a existência da vontade. Ora queremos isso e ora queremos aquilo e inclusive somos capazes de na prática dizer que não queremos mais nada, como quando dizemos: “Ah! Nesta vida já não quero mais nada”. Mas, em última instância, mesmo nesta sentença, continuamos querendo alguma

Aquinate, nº.1, 2005

coisa, pois nunca deixamos de querer algo. Isso prova que o homem pela vontade sempre deseja algo mais e age em função de buscar e possuir este algo. Portanto, por sua natureza, a vontade sempre se orienta a algo, por isso, age naturalmente por um fim que lhe seja um bem.

O fato de a vontade desejar naturalmente algo, não significa que em si mesma está determinada por tudo o que possa desejar, pois a vontade somente será determinada por aquilo que ela *eleger, escolher* como um bem para a sua natureza. Isso significa que brota interiormente da razão e manifesta-se exteriormente pelo seu apetite que é a vontade, a faculdade de julgar, pela qual escolhe o que se lhe apresenta sob razão de bem para a natureza.

Denomina-se *livre arbítrio* ou livre escolha esta faculdade própria da razão manifesta na vontade, na possibilidade de escolher entre os bens que lhe são apresentados. A vontade está apta a escolher aquilo que ela julga ser um bem para a sua natureza. Mas, pode a vontade escolher mal? Claro que sim. Não há dúvidas de que existem muitos objetos no mundo que são colocados diante dos nossos desejos, apetites, anseios, sentimentos e sobretudo diante da vontade, como razão de bem para a sua natureza. Também não há dúvidas de que estes objetos exercem forte influência sobre a vontade e podem influenciá-la na escolha, determinando-a no juízo.

Em si mesmos, estas multiplicidades de objetos alimentam e estimulam o apetite racional da vontade a sempre manter operante a sua capacidade de tender, desejar e buscar o que seja para ela efetivamente um bem para a natureza. Na verdade é a razão que julga se aquele bem a que se ordena a vontade é um bem para a natureza ou não. Mas, em última instância é a vontade que escolhe se o adere ou não, pois embora o livre arbítrio seja faculdade da razão, ele se realiza na vontade, mediante um ato real, individual e concreto de adesão ou não. Pode acontecer que a razão julgue algo não ser um bem para a natureza e mesmo assim aderir a vontade a este

bem, por sua livre escolha. Portanto, o fato de que a vontade escolha, não significa que tenha elegido efetivamente um bem para si. Mas de que maneira pode a vontade escolher algo que ela crê ser um bem, opondo-se à razão?

O HÁBITO PODE INFLUENCIAR BEM OU MAL A VONTADE NA ESCOLHA DO SEU BEM.

Quantas vezes testemunhamos em nossas vidas homens que faziam algum mal para si mesmos, crendo ser algum bem e mesmo quando alertados de que se tratava de um mal, de algum modo sentiam dificuldades de não querê-lo, porque já se encontravam habituados a realizá-lo. Embora fossem *livres* para não o realizarem, acabavam por realizá-lo, talvez movidos pela força de um hábito, fossem levados a escolher inclusive o que já não queriam mais. Do mesmo modo vemos muitos homens realizarem um bem para si mesmos, quando aos olhos de muitos aquilo lhes parecia um mal. Outras vezes, vimos homens que com grande facilidade realizavam um bem para muitos, quando para muitos aquilo era extremamente de difícil realização.

Como vimos acima, o hábito facilita a vontade na sua escolha e na realização do seu ato. Mas, o hábito pode determinar tanto *positivamente* quanto *negativamente* a vontade na escolha de algum objeto que lhe pareça como um bem. Mas, o que é o **hábito**?

O *hábito* é uma capacidade ou disposição oriunda da vontade que delibera de modo constante a agir bem ou mal, em relação a alguma coisa. Denomina-se *virtude* quando este hábito, oriundo da vontade, determina de um modo constante e positivo a escolha de um bem para a vontade, que lhe aperfeiçoa, satisfaz e completa

integralmente, gerando um estado instantâneo de completude. E para que seja virtude, este hábito deve ordenar-se à satisfação do bem completo do homem.

Denomina-se *vício* quando este hábito, oriundo da vontade, determina de um modo constante e negativo a escolha de algum mal para a vontade, crido como um bem para a sua natureza, em que satisfaz parcialmente a natureza, sem ser necessariamente uma perfeição para ela integral. Como consequência disso, em geral se segue desta escolha negativa uma frustração da vontade, mesmo que tenha havido prazer sensível durante a posse daquilo que ela escolheu pelo ímpeto do mau hábito como sendo um bem para si.

Desta maneira vemos como o hábito bom ou mal pode influenciar a vontade em sua escolha. De fato, dentre os animais, o homem é o único animal que sente fome e é capaz de não comer, ou de comer sem fome, que é capaz de sentir sede e não beber, ou de beber sem sede, capaz de não dormir com sono, e de dormir sem sono... de não realizar o bem que deseja, e de realizar o mal que não deseja... de ser capaz de ser livre e não sê-lo.

**A VONTADE SENTE O PRAZER, MAS NÃO SE SATISFAZ PLENAMENTE COM ELE
E POR ISSO CONTINUA BUSCANDO UM BEM QUE LHE COMPLETE.**

Vimos acima que embora a vontade equivocadamente escolha um mal como um bem para si, a posse deste objeto lhe causa certo prazer sensível. E por causa disso, pensam aqueles que sentem tal prazer, tratar-se da felicidade. Mas, não é a mesma coisa o prazer e a felicidade. Mas, o que o apetite racional [vontade] deseja está para além do prazer sensível que o apetite sensível lhe possa determinar. Pois bem, vimos que há no homem um apetite que brota originalmente da alma, pela inclinação da razão, que se denomina *apetite racional*, que ficou conhecido tradicio-

Aquinate, nº.1, 2005

nalmente como *vontade*. Mas, não há no homem somente a *vontade*, pela qual a alma apetece um bem para a sua natureza, há também nele os *sentidos*, pelos quais a vontade apetece também os bens sensíveis para a realização da natureza corpórea do homem.

A inclinação que a vontade exerce mediante os sentidos denomina-se *apetite sensível*, por causa da inclinação dos sentidos aos seus objetos sensíveis, este apetite lança os sentidos a perseguir um bem e desfrutá-lo ou a evitar um mal, com vistas à satisfação de uma necessidade, desejo ou à realização sensível de um fim que lhe seja bom, cujo estado de posse de tal bem se denomina *prazer* e a privação deste se denomina *dor*. E porque este apetite brota da alma, pela inclinação dos sentidos, denomina-se *apetite sensível*.

O apetite sensível é de duas espécies: (a) *concupiscível*, pelo qual se inclina a perseguir o bem sensível e a evitar o que é sensivelmente nocivo; (b) *irascível*, pelo qual se inclina a resistir ao mal sensível difícil de se evitar e a inclinar-se ao bem sensível difícil de se conseguir. O *apetite sensível* exige, na posse de seu objeto, uma satisfação momentânea à sua inclinação pelo sentido, como uma resposta imediata, como quando alguém com sede, apetece beber e lhe basta, de momento, um copo com água, para que fique satisfeito o apetite, que neste caso foi manifesto pelo paladar que sensivelmente causou certa sensação de *secura* na boca.

Denomina-se *prazer* à satisfação que o apetite sensível sente na posse de seu bem sensível e *desprazer* ou *dor* na sua privação. O que caracteriza o prazer é ser uma satisfação *sensível* e *momentânea*, pois, o prazer é indício de um estado ou condição particular ou temporário de satisfação. O prazer ordenado do apetite sensível é desejável, embora a privação do mesmo não destrói nem diminui a inclinação do apetite sensível.

Por isso, o *apetite sensível* poderá pela força de algum mau hábito desordenar-se na eleição de um bem sensível para a satisfação de um determinado apetite sensível. O prazer desordenado do apetite sensível é indesejável pelo próprio apetite, a constância do hábito desordenado pode levar a diminuição ou mesmo a destruição completa do próprio apetite sensível e, por concomitância, uma diminuição na vontade do ato livre de escolha. Mesmo quando a vontade toma posse de um bem sensível legítimo, ela ainda mantém o apetite para continuar buscando o bem que lhe cesse todo o desejo. E se o continua buscando é porque efetivamente não o possui em si mesmo pelo apetite sensível.

**O BEM QUE A VONTADE DESEJA NÃO SE ENCONTRA NO PRAZER SENSÍVEL E
NEM O PRESSUPÕE**

Pois bem, *todo homem age naturalmente por um fim que lhe seja um bem*. Esta sua atuação nasce de uma tendência, um *apetite* que brota do mais íntimo do seu ser, de sua alma, que o impele a perseguir um bem ou a evitar um mal para a sua natureza, com vistas à satisfação de uma necessidade, desejo ou à realização de um fim que lhe seja bom.

Na antiguidade muitos creram que a felicidade consistia neste estado de busca, conservação e posse de um ou muitos prazeres. O sofrimento era para eles uma privação do prazer, e ‘o prazer é o princípio e o fim da vida feliz’. Esta doutrina acerca do prazer [em grego *hedoné*] foi cultivada por Epicuro [341-271 a.C] e seus discípulos, por cuja doutrina foram conhecidos como *hedonistas*. Em nossos dias há uma corrente filosófica denominada *utilitarismo* que também propala a idéia de que ‘o prazer é o princípio e o fim da vida feliz’, mas difere do hedonismo naquilo que este pautava no prazer individual e o *utilitarismo* no prazer do ‘maior número possível’.

vel de pessoas' na utilidade social. Levados somente pelos prazeres não sabem onde encontrar a felicidade, embora a continuemos buscando.

De fato, acabam buscando a felicidade, mas sem saber onde, como os bêbados buscam a sua casa, sabendo que possuem uma, mas não a encontram onde buscam. Iludidos na vaidade das honrarias algumas pessoas, talvez as mais atuantes e qualificadas socialmente buscam e identificam a felicidade com as honrarias, mas isto é demasiadamente superficial, pois os antigos já diziam que as honrarias dependem mais daqueles que as concedem que daqueles que a recebem.

De todos modos, nada mais encanta aos olhos do que o brilho da riqueza. Razão da loucura de muitos, é vaidade e correr atrás do vento, pois mesmo que alguém possua uma centena de carros não poderá conduzir senão um por vez, e mesmo que tenha todos os alimentos nas dispensas e geladeiras não poderá bastar-se senão com o que lhe é necessário, e ainda que a tua casa tenha muitos quartos, nem de dois metros quadrados precisas para passar a noite e muito menos para ser enterrado.

Tantos outros buscam cegamente a felicidade na satisfação dos desejos. Mas a felicidade não está na satisfação dos desejos, pois há quem aprenda a ser feliz limitando limitando os desejos, em vez de tentar satisfazê-los. De modo que o não possuir algumas das coisas que desejamos é parte indispensável da felicidade. Dos desejos, os sensuais são os mais procurados, mas também os que causam maior frustração e solidão nos que neles depositam o fim mesmo da vida feliz.

**A VONTADE DESEJA UM BEM RACIONAL PERFEITO E PLENO, CUJO ESTADO
DE POSSE DENOMINA-SE FELICIDADE.**

O apetite sensível é uma projeção inferior do apetite racional. Por isso, o apetite racional [*vontade*] exige, por sua natureza, a posse de um objeto final que seja ao mesmo tempo: um *bem* que ainda não possua, uma *perfeição* que lhe complete a natureza e uma *satisfação* estável e permanente, pela qual cesse inclusive parcialmente a inclinação do apetite sensível a determinado objeto ou determinados objetos.

A existência da vontade exige o estado de felicidade.

A existência de um apetite que busca a felicidade atesta a necessidade de que ela exista. Pois como alguns dizem, a felicidade é como a saúde, pois quando não sentes a falta dela, significa que ela existe. Mas a felicidade está para além de tudo o que temos dito. O que é a felicidade?

Denomina-se *felicidade* o estado de posse de um *bem* que o apetite racional ainda não possua, uma *perfeição* que lhe complete a natureza e uma *satisfação* que lhe seja estável e permanente, pela qual possa inclusive cessar a busca ou a inclinação de algum bem sensível pelo apetite sensível.

Portanto, do anterior, percebemos que deve haver um estado de satisfação plena pela posse de um bem racional que cesse no apetite racional toda e qualquer inclinação. Os antigos distinguiram um estado de outro.

Denomina-se *felicidade incompleta* ou *imperfeita* àquela que se estabelece num estado de posse de um *bem* que o apetite racional ainda não possua, uma *perfeição* que lhe complete parcialmente a natureza e uma *satisfação* estável e permanente, pela qual cesse apenas parcialmente a inclinação do apetite sensível a algum determinado

objeto sensível. Segundo os autores da tradição greco-romana, esta felicidade é possível na vida terrena e é lograda segundo a vida virtuosa. Os gregos a denominaram-na *eudaimonia* e os latinos de *felicitas*.

Denomina-se *felicidade completa* ou *perfeita* àquela que se estabelece num estado de posse de um *bem* que o apetite racional ainda não possui, uma *perfeição* que lhe complete totalmente a natureza e uma *satisfação* estável, permanente e plena, pela qual cesse absolutamente toda e qualquer inclinação tanto do apetite racional quanto do sensível.

Segundo os autores da tradição greco-romana, esta felicidade não é possível na vida terrena e é lograda não somente segundo a vida virtuosa, mas, sobretudo, pelo auxílio dos deuses, no caso da cultura grega e de Deus, no caso da fé judaico-cristã. Por isso, dentro da tradição religiosa denominou-se a este estado de posse completa de um bem racional sumo de *Beatitude* ou *Bem-aventurança*. Os gregos a denominaram-na *makaríá* e os latinos de *beatitudo*.

O desejo de felicidade brota do nosso íntimo, como se o nosso íntimo já a tivesse possuído e perdido, mas ficando nela a impressão ou lembrança, na forma de desejo, de possuir novamente tal bem. Portanto, enquanto brota naturalmente do nosso íntimo tal desejo, não há nada mais prioritário do que o dever de buscar satisfazê-lo com a posse do seu verdadeiro bem. Temos o dever de sermos felizes. De certo modo a felicidade depende de quem a busca, pois dependendo do que se busca, ele já a trás junto de si.

Mas, embora o desejo de felicidade brote do nosso íntimo, ela mesma não se encontra nele, pois se o encontrasse nele mesmo não o procuraria fora, já que ninguém procura o que já possui.

Podemos dizer de certo modo que a espera e a busca da felicidade imprime, na forma de esperança, certa felicidade em nosso íntimo.

A fé imprime esperança em quem a busca e a esperança justifica a fé e a posse coroa ambas. Compreende-se bem que a felicidade seja objeto de esperança, não muito raro se houve dizer se se construísse a casa da felicidade, o maior cômodo seria a sala de espera.

A felicidade não é como muitos pensaram, um ideal da imaginação, porque a felicidade não é fruto da imaginação, mas o sentimento de satisfação na posse de um bem:

A falta de esperança faz perder o sentido da vida. O sentido da vida passa pelo ânimo de acreditá-la e buscá-la. Não basta imaginá-la como quiseram alguns estabelecer, pois a felicidade não é invenção da vontade e nem da razão que a imagina como um bem possível. Não é melhor imaginá-la que possuí-la. Daí que a felicidade não seja um ideal da imaginação.

A felicidade não se encontra plenamente em nosso íntimo, mas a sua busca e o seu desejo começa a partir do nosso íntimo, por isso, começa em nós mesmos o seu desejo de posse:

Ninguém pode nos fazer infelizes, apenas nós mesmos; mas também ninguém pode dar-nos a felicidade se não quisermos buscá-la. Já é algo de conquista poder buscá-la.

A felicidade é o prêmio das virtudes, que começa em mim e se estende aos outros:.

A felicidade é o prêmio das virtudes, de uma vida boa e não de uma boa vida. Neste sentido a felicidade é questão de aquisição de virtudes, daquela força que nos lança a querer o bem mediante a execução de atos que aperfeiçoam a natureza.

A busca da felicidade passa pela consciência de que não podemos e devemos permitir que alguém se sinta triste ou saia de nossa presença sem se sentir mais feliz. A consciência da individualidade do outro e o respeito mútuo nos permite e facilita na consecução de uma vida feliz.

Neste sentido a felicidade é construída a toque de caixa e perseverança nesta vida, mas com a consciência de que nunca a alcançaremos plenamente nela. Conquistar a felicidade passa pelo semear a felicidade. Contribuir para a felicidade alheia é mais fácil que buscá-la para si próprio, porque imprime sentido e caráter na vida de quem a semeia nos outros.

Conclusão:

Assim temos, a alma que deseja pela vontade [apetite racional] e a vontade que atua pelos sentidos [apetite sensível], para realizar o desejo da alma, enquanto algo que lhe seja objeto de atuação e bem para a natureza.

A existência de um apetite em nós que exige a posse de um bem perfeito pleno, fundamenta a necessidade da existência de um estado de posse deste mesmo bem, cujo estado foi denominado tradicionalmente de *felicidade*.

Somos constantemente chamados à felicidade, desde o nosso íntimo, não a possuímos pronta e acabada, a construímos pela força do hábito que nos pode en-

sinar a querer e sentir prazer e alegria sem que com isso se nos chegue a dor e o sofrimento suprimida ou privada a sensação.

A paz e a tranqüilidade interior é o resultado do estado de felicidade. A constância pelo hábito de aprender a valer-se melhor da vontade ensina-nos a ser felizes em cada momento de nossas vidas. Como anexos destas conquistas estão a *alegria*, a *paz* e o *otimismo* e coroados tudo o *amor*, que é que coroa a felicidade, pois com ele descobrimos que seremos mais felizes quando não nos ocupamos de procurar a nossa felicidade, mas de fazer os outros mais felizes.

Não raro nos veremos tristes e sôfregos nesta vida por haver depositado nossas fichas em algo que julgávamos razão do nosso ser. Isso somente comprova que o depósito cego da busca da felicidade em algo que muito queremos não é fundamento para a sua conquista.

É bem sabido que pelo prazer nos tornamos escravos pela vontade. Esta é a pior escravidão, pois o único responsável é o próprio senhor da vontade. Não é mais livre quem julga poder fazer o que quer. A verdadeira liberdade da vontade supõe a virtude capaz de dizer não à própria vontade e desejos. Se alguém se julga incapaz de dizer não à sua própria vontade muito provavelmente dela é escravo. A liberdade é o que coroa a vontade; mas ser livre não significa poder fazer o que se quer, senão ser capaz de não fazer inclusive o que se mais queira.

Não há dúvida de que o poder realizar pela vontade o que se queira dá-nos uma enganosa sensação de liberdade; mas liberdade é justamente ser livre diante do que se queira. Tanto mais queira algo, mais livre seremos se diante disso formos capazes de exercer o arbítrio livre.

Somente diante daquilo que é a satisfação plena do desejo de felicidade não se pode ser livre: eis o paradoxo, diante do autor de nossa sede de felicidade não somos livres, ao passo que ao mesmo tempo nos tornamos inteiramente livres.

O caminho mais fácil para a conquista parcial de uma vida feliz e não de uma feliz vida é a efetiva busca e conquista de virtudes, enquanto o que imprime na natureza a força necessária para mantermos na esperança de sua conquista definitiva. E que ninguém se iluda...para ser feliz se necessita muito pouco, embora muitos poucos saibam disso por ilusão de poder encontrá-la onde ela não está.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.